

A Formação de um Homem



Um escritor famoso recorda seu pai pela maneira pessoal e inesquecível de criar um menino

PAPAI tinha duas filhas e três filhos. Sua idéia de como criar meninas talvez fôsse um tanto experimental. Não sei, pois eu era um dos filhos—o mais velho. Mas êle era positivo acêrca do que um menino devia ser.

Com sorte, um menino cresceria

e se tornaria um homem. A meninice, aos olhos de papai, era um período de preparação para a vida madura, masculina. Para papai, só um tipo de adulto masculino era concebível: um “homem de verdade”.

Seu código para os meninos ia a minúcias e exigia muito de nós. Ti-

nham de ser honestos, dignos de confiança e independentes. Mas desconfio que a coragem era a qualidade que papai admirava acima de tôdas as outras, pois como tantos outros homens para quem a religião é um símbolo forte e inspirador, papai era destituído de covardia física. Não era simplesmente bravo—êle estava acima da necessidade de ser bravo. Portanto, cabia a nós não demonstrar fraqueza.

Chorar era tabu. Hesitar num rochedo alto antes de mergulhar, até mesmo uma vaga demonstração de receio no primeiro passeio na montanha-russa, qualquer coisa assim era considerada covardia.

Os meios que êle usava para instilar coragem eram por vêzes brilhantemente eficazes. Lembro de uma noite de pavorosa trovoada e do meu terror. Eu tinha quatro anos. Papai conversou um pouco comigo sôbre o esplendor das trovoadas, depois levou-me até à varanda para observar aquela trovoada. Pouco a pouco suas palavras calmas fizeram-me ficar fascinado pelos relâmpagos próximos, bifurcados, e pude suportar os trovões sem tremer. Desde então sempre achei as tempestades inebriantes.

Nadar, entretanto, foi diferente. Meu pai achava que um menino de quatro para cinco anos devia aprender a nadar. O pai *dêle* tinha-o ensinado a nadar em um pequeno lago, amarrando-lhe um cinto em tórno da cintura e depois baixando-o na água. Quando aprendera a nadar ca-

chorrinho, o cinto foi afrouxado e, pronto, êle estava nadando.

Num dia cinzento, papai e mãe levaram-me para um piquenique em uma praia próxima de onde então morávamos. Eu tinha a idade que êle tinha quando *êle* aprendera a nadar, de modo que papai experimentou o que achava ser o método do pai *dêle*. Isto é, levou-me na cacunda até às ondas côr de chumbo de meio metro de altura, gritou algumas instruções por sôbre a zoeira da arrebentação, e soltou-me. Afundei aos berros. A água do lago desceu-me pela garganta abaixo, queimando-me os pulmões. Daí a pouco seguraram-me, sufocado e histérico. Nem papai conseguiu fazer-me tentar outra vez.

Só aprendi a nadar com nove anos, quando acompanhei outros garotos até ao poço onde êles nadavam. Era uma pedreira abandonada, cheia de água límpida, e as margens eram a prumo. Quando se entrava, a profundidade era logo de 12 metros. Papai sabia disso, mas quis que eu fôsse. Aprendi a nadar sôzinho com a ajuda de uma prancha. Se tivesse escorregado, não estaria aqui escrevendo a respeito de papai.

Quando aprendi a nadar e mergulhar, convidei-o para ir ver. Êle foi e nadou, dando braçadas à moda de urso polar naquele laguinho de pedreira e virando-se para mim e gritando: "Ótimo, Phil! Ótimo!"

Seu elogio era difícil de conquistar, mas, quando vinha, era sentido até à medula.

Despertando a Imaginação. No código de papai, um "homem de verdade" era mais do que bravo. Êle era cortês. Era um crime quase tão grande não se levantar quando alguém do sexo feminino entrava na sala como gemer ao ser atingido por uma bola de baseball. E era culto também. Sabia identificar música clássica, e sentia-se à vontade quando se falava de arte. Ao regressarem de sua viagem de lua-de-mel à Europa, papai e sua segunda espôsa trouxeram para casa duas centenas de cartões-postais de grandes pinturas da Itália, da Alemanha, da França, da Holanda. Outros guris liam as histórias em quadrinhos aos domingos. Nós gravávamos na memória, olhando os cartões coloridos, as obras de Rubens, de Miguel Ângelo e outros.

Fui apresentado à literatura muito cedo. Quando eu tinha cinco anos, minha mãe morreu, deixando papai comigo, meu irmão Max, então com três anos, e minha irmã de um ano, Verona. Nos meses seguintes, papai sofreu demais para freqüentar até mesmo os serviços noturnos na igreja. O que êle fazia era notável. Lia alto para si mesmo e para mim. O que lia eram livros que tinham sido proibidos para êle quando jovem: os pais dêle eram contra os roman-

ces. Assim ouvi, sentado na cama dêle, muitas vêzes até bem tarde, os romances que papai ansiara por ler quando menino—*Robinson Crusôé*, *Ben Hur*, *Vinte Mil Léguas Submarinas*, *As Viagens de Gúliwer*, *Os Robinsons Suíços*.

Hoje em dia praticamente todos os educadores afirmariam que êsses livros são demasiado adiantados para um menino de cinco anos. Mas não o eram—por uma razão especial. Sempre que papai lia alguma coisa que eu não entendia, eu tinha permissão de lhe pedir uma explicação. Lembro-me dêsses livros até hoje. Não me lembro de nenhuma outra experiência com igual fôrça para despertar a imaginação e informar os jovens.

Quando papai retornou aos seus deveres pastorais à noite, senti-me abandonado. Mas êle descobriu uma solução. Ensinou-me a ler. E porque sempre teve um espírito aberto para tudo, estabeleceu uma regra, espantosa para a maioria das pessoas: assim que um de nós sabia ler, tinha licença de ler tudo. Ocasionalmente papai me descobria debruçado sôbre um livro que êle considerava droga ou coisa pior. Mas nunca me fazia parar; apenas pedia minha opinião depois de acabar de ler. Tôda vez que apedia, sabia-o, está claro, êle tinha minha escolha em pouca conta. De modo que, naturalmente, eu respondia que era uma droga, mesmo que tivesse adorado.

Ruídos Fortes. Papai concordava com qualquer passatempo, por mais

PHILIP WYLIE, um dos principais escritores norte-americanos, é autor de muitos artigos de revistas, contos, roteiros cinematográficos e romances. Entre seus livros incluem-se *A Generation of Vipers*, um estudo controverso dos costumes norte-americanos, e *Triumph*.

perigoso que fôsse, se achava que o menino podia dar conta d'êles. Nossa família, incluindo êle, era entusiasta dos fogos de artifício, e um dia, quando eu tinha 12 anos, tive uma idéia momentosa. Eu lera que o Exército Sulista, durante a Guerra Civil Americana, fazia sua pólvora com salitre, enxôfre e carvão vegetal. Ocorreu-me que êsses ingredientes não deviam ser difíceis de arranjar. Mas era mister conhecer a técnica de misturá-los.

Correndo à biblioteca, verifiquei que lá havia livros que explicavam não só o processo basicamente simples de fazer a pólvora negra, mas também o modo de fabricar algodão-pólvora, TNT, nitroglicerina e dinamite. Havia também (incrível!) um volume sôbre a fabricação de piro-técnicos que eu sabia querer dizer fogos de artifício.

Encetei, então, uma carreira de menino fabricante de fogos de artifício e explosivos que deixou estupefata tôda gente em nossa cidade. De dia, após muitas experiências mal sucedidas, inventava "bombas-canhão" com um estouro maior que o de qualquer dos fogos à venda. De noite, freqüentemente, eu fazia exposições de fogos coloridos, fontes, a "erupção do Vesúvio" e outras peças profissionais. Papai gostava dos ruídos fortes e dos fogos noturnos tanto como qualquer um de meus maravilhados contemporâneos.

Muitas vêzes pensei em quantos outros pais se limitariam a demonstrar um interêsse intenso se, numa

fria manhã de inverno, topassem com um pedaço de pólvora molhada secando numa fornalha quente—pólvora que, quando sêca, se fôsse detonada, causaria mais prejuízos do que uma granada de mão.

Eu tinha, no entanto, exatamente essa espécie de pai.

Suas convicções acêrca do que um menino precisava aprender para tornar-se um "homem de verdade" abarcavam muitas outras coisas, está claro. Na opinião de meu pai, um menino devia tornar-se auto-suficiente em tudo e em tôda parte. Isso implicava em nos tornarmos capazes em diversos campos. Êle próprio era um bom funileiro, pedreiro competente, carpinteiro razoável e excelente bombeiro hidráulico. De modo que essas artes nos foram ensinadas. Aprender foi divertido, e posteriormente os conhecimentos têm-nos servido bastante.

Motim Declarado. O salário de um pastor é munificente. Quando papai tornou a casar, e dentro em pouco chegaram mais duas crianças, também aprendemos—e éramos freqüentemente chamados a desincumbir-nos d'êles—todos os serviços domésticos: cozinhar, lavar roupa, passar a ferro, fazer camas, passar aspirador, cuidar de bebês.

Com o correr do tempo, algumas dessas tarefas começaram a tornar-se intoleráveis. As coisas que papai nos encorajava a fazer, coisas extraordinárias que outros garotos nem tinham licença de pensar nelas, eram mais do que compensadas em nossas

mentes juvenis pelos trabalhos humildes que *tínhamos* de fazer (e pelas coisas que outros garotos possuíam e nós não). Muitas vezes nos sentíamos envergonhados, humilhados, inferiores. Por isso, a despeito dos aspectos inusitados de nossa mocidade, todos ansiávamos por libertar-nos de um pai que era em parte sabedoria, em parte coragem, em parte generosidade fabulosa, mas em parte, infelizmente, um tirano.

A maioria dos jovens revolta-se até certo ponto contra idéias, ideais e padrões paternos. Minha própria versão do ato foi mais que rebelião: foi motim declarado. Aos 19 anos declarei-me contra tudo aquilo em que papai acreditava e, particularmente, contra a sua religião, que eu achava absolutamente ultrapassada. Durante anos, depois disso, eu raramente me encontrava com êle. Êle insistia em tentar ver-me—e eu em esquivar-me.

Chegou uma ocasião, entretanto, em que êle me convidou para uma reunião familiar num feriado, e eu fui. Depois de um banquete tanto em comida como em recordações, papai sugeriu que eu e êle déssemos um passeio. Os passeios de papai, eu bem me lembrava, consistiam muitas vezes em muitos quilômetros de caminhadas rápidas durante as quais minhas deficiências eram meticulosamente revistas. Desta vez, com estranheza para mim, papai pouco falou e parecia perturbado. Finalmente, parou. Seus olhos azuis nunca foram mais diretos: as sobranceiras es-

pêssas encapuzavam-nos, intensificando-lhes a agudeza. O vento agitava-lhe a minguante cabeleira, outrora vermelha, por cima da fronte monumental. E o que me disse tomou-me de surpresa:

—Filho, você quer saber em que eu realmente creio?

Eu queria. Eu sabia que a teologia dêle mudara com a substituição dos velhos dogmas por novos conhecimentos. Mas na verdade eu não tinha idéia daquilo em que êle cria.

—Eu creio—disse êle, escolhendo as palavras com cuidado incomum—que existe uma finalidade no universo. Acredito que se os homens procurarem a verdade honestamente, algum dia talvez evoluam o suficiente para descobrir qual é essa finalidade. E acredito, ou melhor, espero, que possam afinal evoluir bastante para ajudar a aperfeiçoar êsse grande projeto, qualquer que seja, rumo ao qual apenas engatinhamos, cegamente, nesta etapa da humanidade.

Fiquei estupefato.

—Se é essa a sua crença básica—exclamei eu finalmente—por que eu e o senhor temos brigado todo êste tempo?

Êle sorriu.

—Diga você.

Fêz uma pausa e encarou-me de modo estranho.

—Os *atos* são mais importantes para mim do que tôdas as crenças e doutrinas da terra.

—Está bem—respondi.—Isso eu aceito. Agora podemos ser amigos.

E foi o que fomos literalmente até ao dia em que êle morreu: amigos, cordiais e íntimos, vivendo juntos muitas vêzes semanas inteiras.

Mais de 20 anos de maravilhosa convivência se passariam antes que eu entendesse o que êle havia feito realmente naquele dia. Porque nos amava a todos, porque se orgulhava do meu trabalho, porque estava fatigado da nossa disputa teológica, papai *não* me dissera “em que *êle* cria”; em vez disso, imaginara aquilo em que *eu* cria. Êle supusera a *minha fé* da melhor maneira que pudera e acertadamente. Para conquistar-me de volta como filho e como amigo, êle simulara. E até me dera uma indicação disso ao concluir a sua declaração afirmando que colocava os atos acima de qualquer crença. Seu *ato*, naquele dia, foi um exemplo perfeito dêsse sistema de valôres.

Um Homem de Verdade. Quando, em dezembro de 1955, aos 79 anos de idade, papai sofreu um ataque, corri ao hospital. Êle já mostrava indícios de recuperação. Sua única queixa era que detestava a invalidez. Disse que tôda a vida esperava que, ao chegar sua hora, fôsse “atingido pelo raio”—morrer súbitamente, e não ir-se inútilmente ficando aos poucos.

Mas, durante os cinco dias seguintes que passei com êle, recobrou-se quase inteiramente. Os médicos, espantados, diziam que dali a pouco estaria “tão bem como antes”. Aquêles foram dias inesquecíveis. Eu e

papai recordamos todos os anos da vida em família—alegrias, comédias, triunfos e tragédias. Ríamos tanto e tantas vêzes que as enfermeiras estavam continuamente entrando no quarto dêle para nos pedirem que baixássemos a voz.

Ao fim dos cinco dias, eu tive de partir. No último momento permitido antes da hora do avião, beijei papai e dirigi-me para a porta. Aí uma estentórea ordem familiar deteve-me:

—Um momento, meu filho!

Virei-me. Papai estava sentado e mostrando o que em meninos nós chamávamos sua “cara de águia”. Fiquei ligeiramente perturbado. Aquela ordem de parar à porta geralmente significava que papai pensara em algum pós-escrito final e arrasador a uma reprimenda que acabara de nos dar.

Não era isso, naturalmente. Êle queria dizer-me quanto se orgulhava do que eu escrevia. De repente, percebi que êle não esperava tornar a ver-me. E de repente eu soube o que tinha de lhe dizer.

—Papai, há uma coisa que o senhor conseguiu e que eu ainda estou tentando conseguir.—Falei quase com ferocidade.—Papai! O senhor é *um homem*.

Êle piscou o olho para mim.

E eu saí.

Naquela tarde, ainda cedo, já em casa, peguei o telefone que tocava. Papai estava almoçando bem e pillarando com duas enfermeiras quando caiu para a frente, morto. Afinal, o raio o atingira.

OS GRANDES CLÁSSICOS DA MÚSICA UNIVERSAL

aumentará sua discoteca em beleza e valor, pela apresentação, pelo número de discos, pela qualidade e variedade das músicas que lhe oferece. 5 grandes orquestras de renome internacional as executaram, regidas por 8 maestros famosos. As gravações, NOVAS, foram feitas em Alta-Fidelidade e Estereofonia, pelo processo "Cyclophonic Miracle Sound", da RCA. Veja a lista:

Bizet - "Carmen" e Fandole

Brahms - 4 Danças Húngaras

Chabrier - Espanha Rapsodie

Coleridge - Taylor - Pergunta e Resposta

Don - Gillis - Ranch House Party

Dvořák - "Suite" e "Poema Sinfônico"

Eduard Strauss - Bahn Frei Polka

Enesco - Rapsódia Romena N.º 1

Eric Coates - Suíte Londrina

Gilbert e Sullivan - Cavalheiros da Guarda

Granados - Intermezzo

Grieg - A Última Primavera

Humperdink - Pantomima Onirica

Ibert - Portos de Escala

Johann Strauss Jr. - Valsa da Aceleração, Pizzicato, Polka. Onde Florescem os Limoeiros, Rosas do Sul e Perpetual Motion

Josef Strauss - Valsa da Música das Esferas

Kabalevsky - Colas Breugnon

Khachaturian - Dança do Sabre

Lanner - Valsa de Schönbrunner

Leroy Anderson - Relógio Sincopado

Mendelssohn - "Sonho de Uma Noite de Verão" e "Scherzo"

Morton Gould - Pavane

Moussorgsky - Khovantchina

Mozart - Passeio de Trenó

Nicolai - As Alegres Comadres de Windsor

Offenbach - Noites Parisien-ses

Raymond Scott - Toy Trumpet

Rimsky-Korsakoff - Canção da Índia

Rossini - Cenerentola e La Gazza Ladra

Saint-Saëns - Introdução e Rondo Capriccioso

Smetana - A Noiva Roubada

Verdi - Aída

Tchaikovsky - "Romeu e Julieta" e Eugen Onegin

Von Suppé - Manhã, Tarde e Noite em Viena

Wagner - "Os Mestres Cantores" e "Rienzi"

Waldteufel - "Espanha"

Weber - Oberon

Wolf-Ferrari - O Segrêdo de Suzana

Orquestras: Filarmônica de Roma, Estadual da Ópera de Viena, Promenade Beecham, Henri René, Volksoper de Viena.

Regentes: Gilbert Vinter, Josef Leo Gruber, Oscar Danon, Massimo Freccia, René Leibowitz, Wally Scott, Henry René, James Walker.

E mais . . . GRÁTIS!

Fazendo o seu pedido, já, você receberá, com o seu álbum, o LP grátis "Temas de Espanha": *Rimsky-Korsakoff* - 1. "Capricho Espanhol" - 2. A Marcha de "O Galo de Ouro". *Ravel* - 1. "Rapsódia Espanhola" - 2. "Alborada del Gracioso". Faça ainda hoje o seu pedido!